

O célebre miranda: aventuras e desventuras de um militante comunista entre a história e a memória

Raimundo Nonato Pereira Moreira¹

Thiago Machado de Lima²

Leticia Santos Silva³

Iracéli da Cruz Alves⁴

Cláudia Ellen Guimarães de Oliveira⁵

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa em curso, que objetiva, em linhas gerais, investigar a formação política e a trajetória intelectual de Antônio Maciel Bonfim, codinome *Miranda*, militante revolucionário e secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB) durante os anos de 1934 a 1936. A partir deste escopo, o trabalho analisa distintas interpretações historiográficas e problematiza elaborações da memória comunista relacionadas à presença de Bonfim na direção do PCB. Finalmente, busca identificar novas evidências históricas relacionadas à trajetória de *Miranda*, na perspectiva de uma compreensão mais abrangente da sua biografia.

PALAVRAS-CHAVE

Antônio Maciel Bonfim, comunismo, História, política.

ABSTRACT

This paper presents preliminary results from an ongoing research, which aims, in general, to investigate the formation of the political and intellectual trajectory of Antônio Maciel Bonfim, alias *Miranda*, the revolutionary activist and general secretary of the Communist Party of Brazil (PCB) during the years 1934 to 1936. From this scope, the paper analyzes and discusses different historiographical interpretations and problematizes the memory elaborations related to the presence of Communist Bonfim as a director PCB. Finally, it seeks to identify new historical evidence related to the trajectory of *Miranda*, from the perspective of a more comprehensive understanding of his biography.

KEY WORDS

Antônio Maciel Bonfim, communism, History, politics.

¹ Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Coordenador do projeto de pesquisa *No rastro de Miranda: uma investigação histórica acerca da trajetória de Antônio Maciel Bonfim (1905-c. 1947)*.

² Estudante do VII Semestre do Curso de Licenciatura em História – Campus II – Alagoinhas da UNEB. Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq.

³ Estudante do VII Semestre do Curso de Licenciatura em História – Campus II – Alagoinhas da UNEB. Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq.

⁴ Estudante do VII Semestre do Curso de Licenciatura em História – Campus II – Alagoinhas da UNEB. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

⁵ Estudante do VII Semestre do Curso de Licenciatura em História – Campus II – Alagoinhas da UNEB. Pesquisadora voluntária.

A história do Partido Comunista do Brasil (PCB) aparece como uma das linhas de força da historiografia brasileira contemporânea. Assim, os acontecimentos relacionados à acidentada trajetória da organização têm atraído o interesse renovado de historiadores, sociólogos, cientistas políticos e jornalistas, dentre outros profissionais das ciências humanas. Como assinalou Segatto (1995, p. 15), uma profusão de material (teses, artigos, livros, memórias, coletâneas de documentos, etc.) tem sido elaborado e publicado. “Alguns desses trabalhos enfocam a história desse partido de uma forma global, outros abordam aspectos específicos ou períodos delimitados. Há ainda inúmeros outros que, analisando a história sócio-política nacional, tratam direta ou indiretamente do PCB”.

A propósito, destaque-se que o Partido Comunista foi institucionalizado por um congresso de fundação, que reuniu nove delegados, representando 73 membros, espalhados pelo Brasil, realizado na cidade de Niterói, em 25 de março de 1922. Logo após a sua criação, o PCB registrou-se legalmente como entidade civil, com sede pública. Mas, em 5 de julho, na esteira da revolta do Forte de Copacabana e da decretação do estado de sítio, o Presidente Epitácio Pessoa determinou o fechamento do partido – muito embora não estivesse envolvido na quartelada. Portanto, até 1945, os comunistas experimentaram apenas um curto lapso de existência legal, de janeiro a agosto de 1927. Nas décadas seguintes, a mais antiga fração política brasileira alternou breves quadras de legalidade e longas eras de clandestinidade, nas quais os seus militantes foram perseguidos, torturados e mortos. Finalmente, em 1985, com o avanço do processo de redemocratização, os comunistas recobram o direito à livre organização partidária (DEL ROIO, in: RIDENTI; REIS, 2007, p. 25-27; MORAES; VIANA, 1982; RODRIGUES, in: FAUSTO, 1993, p. 361-363; VIANNA, 2007, p. 62; ZAIDAN FILHO, 1985. p. 15-30).

Com efeito, no curso das últimas quatro ou cinco décadas, a história do PCB transformou-se em um campo de encarniçadas batalhas ideológicas e provocou incomensuráveis controvérsias historiográficas, das quais participam autores brasileiros e estrangeiros (BRANDÃO, 1997; CARONE, 1982a, 1982b; CHILCOTE, 1982; DULLES, 1977, 1985; PANDOLFI, 1995; REIS, 1987; SEGATTO, op. cit.; SENA JÚNIOR, 2009, VINHAS, 1982). Da mesma forma, antigos quadros comunistas elaboram, com particular ênfase, as suas memórias, nas quais buscam um acerto de contas com diversas questões do passado relacionadas à sua militância revolucionária (BARATA, 1978; BASBAUM, 1976; BEZERRA, 1982; BRANDÃO, 1978; CAVALCANTI, 1978; FALCÃO, 2000; GOMES; FLAKSMAN; STOTZ, 1988; LACERDA, 1987; LIMA, 1982; MORAES; VIANA, 1982; OLIVEIRA FILHO, 1985). A propósito, uma época mereceu a atenção particular dos estudiosos e dos memorialistas: a década de 1930. No período em questão, o Partido Comunista do Brasil realizou alterações de curso nas suas concepções táticas e estratégicas; assistiu ao ingresso em suas fileiras do capitão Luiz Carlos Prestes (1898-1990), acompanhado por outros militares esquerdistas; agregou-se à luta antifascista, agindo em conjunto com a Aliança Nacional Libertadora (ANL); e participou da insurreição de novembro de 1935, sofrendo violenta repressão, que se abateu sobre os dirigentes e a militância (MORAIS, 2008; PINHEIRO, 1992; PRESTES, 1998, 2001; VIANNA, 2007; WAACK, 1993).

No período em discussão, ingressou no PCB um obscuro militante, que, em um curto lapso de tempo, tornou-se uma autêntica lenda no imaginário comunista brasileiro. Antônio Maciel Bonfim nasceu em Irará, Bahia, no dia 10 de fevereiro de 190. Segundo Waack (op. cit., p. 65), o jovem Antônio Bonfim concluiu, com muito esforço, o ensino secundário em uma escola religiosa da sua cidade natal e trabalhou como professor contratado da *Companhia de Petróleo Anglo-Mexicana*. Em 1930, aderiu à Liga de Ação Revolucionária (LAR), agrupamento criado por Prestes, na esteira do lançamento do *Manifesto de maio*,

sob o influxo de alguns intelectuais trotskistas brasileiros, em julho, na Argentina. De algum modo, ainda não suficientemente aclarado pelos intérpretes da temática, o ativista baiano estabeleceu contato com o *Cavaleiro da Esperança* ou com outro expoente da organização, vinculando-se ao programa da fração prestista. Sem prejuízo de uma investigação mais consistente, pode-se afirmar que o sertanejo de Irará adentrou na vida do comandante da *Coluna Invencível* muito antes do que, nas décadas seguintes, o velho dirigente comunista esteve disposto a admitir. Bonfim foi um dos criadores da LAR e discutiu com Prestes e Silo Meirelles (1900-1957) o manifesto inicial do grupo. Em seguida, atuou como secretário da liga na Bahia durante três meses, até a sua dissolução e o rompimento com o líder máximo da confraria, em dezembro de 1930 (CARONE, 1978, p. 328-332, 1982, p. 233-234; RODRIGUES, op. cit., p. 370; VIANNA, op. cit., p. 71, 112-115).

Após a liquidação do agrupamento prestista, Bonfim procurou ingressar no PCB, conseguindo o seu intento em 1932. A partir daí, iniciou uma ascensão meteórica na estrutura partidária, galgando posições intermediárias, até chegar à secretaria-geral, em julho de 1934. Na direção, passou a ser conhecido pela alcunha de *Miranda* – também adotou os codinomes *Adalberto de Andrade Fernandes*, *Américo de Carvalho*, *Américo*, *Queiroz* e *Tavares*. Ao longo dos dias 16 a 28 de outubro de 1934, a trágica personagem elevou-se aos píncaros da glória. Delegado à Terceira Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe, realizada em Moscou, o revolucionário baiano, percorrendo em francês acerca da conjuntura política brasileira, impressionou ao dirigente máximo da Internacional Comunista, Dimitri Manuilski (1883-1959). Os informes apresentados pela direção do PCB apontavam para a existência de uma situação revolucionária no Brasil. A partir dos encontros de Moscou, o *Komintern* deliberou pelo retorno de Prestes ao Brasil e o envio de um grupo de assessores estrangeiros, que auxiliaria os comunistas dos trópicos na tomada do poder. Com o fracasso da insurreição de novembro de 1935, Bonfim foi preso, em 13 de janeiro do ano seguinte, juntamente com a consorte, Elvira Cupello Colônio (*Elza Fernandes*). O secretário-geral, não obstante a tortura, adotou diante da polícia a estratégia de confirmar tudo o que ela já soubesse e de se calar no que pudesse lhe fornecer novos elementos. Na prisão, amargou a desconfiança dos companheiros e soube da morte de *Elza*, executada pela direção partidária, que obedeceu a uma determinação de Prestes. Ao que parece, somente após tomar conhecimento do assassinato da companheira, *Miranda* passou a colaborar com a repressão (VIANNA, 2007, p. 145-152, 382, 395).

Acusado pelo crime de subversão comunista, Antônio Maciel Bonfim foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN) a 4 anos e 4 meses de reclusão, em 5 de maio de 1937. O recurso de apelação impetrado pelo seu defensor foi julgado pelo Supremo Tribunal Militar (STM), que confirmou a sentença do TSN quanto à condenação dos líderes do movimento de novembro de 1935, em 13 de setembro de 1937. Transferido para Fernando de Noronha, em 13 de dezembro de 1938, retornou ao Rio de Janeiro em 29 de março de 1940, para tratamento de saúde no Presídio da Ilha Grande. Finalmente, encarcerado por 4 anos, 6 meses e 6 dias, Bonfim foi libertado em 19 de julho de 1940 (APERJ, p. 3, 4, 40). Conforme afiançaram os contemporâneos, *Miranda* sofria de tuberculose, perdera um rim, em virtude dos espancamentos, e estava na mais absoluta miséria. Alguns intérpretes da história do PCB supõem que o antigo dirigente retornou para a Bahia, falecendo em Alagoinhas, pouco tempo depois. (MORAIS, op. cit., p. 299; VIANNA, 2007, p. 395-396, WAACK, op. cit., 346).

Considerando o seu percurso biográfico, não é surpreendente que a imagem de Antônio Maciel Bonfim tenha sido objeto de intensas controvérsias, tanto nas obras de cunho memorialístico, elaboradas por antigos militantes de esquerda, quanto nos estudos

historiográficos sobre as organizações revolucionárias na primeira metade do século XX. Como assinalou Rodrigues (op. cit., p. 379-380), a figura de *Miranda* e a sua atuação enquanto secretário-geral do PCB foi apresentado de diferentes maneiras. Assim, Afonso Henriques, diretor tesoureiro da ANL, afiançou que Antônio Bonfim era um agente provocador a serviço de Getúlio Vargas (1882-1954). Sob essa perspectiva, *Elza Fernandes* era inocente das insinuações de delação e o “verdadeiro traidor” seria o secretário comunista. Por outro lado, na versão de Davino Francisco dos Santos, Bonfim rompeu com o PCB após o encarceramento e teria decidido colaborar com a polícia em Fernando de Noronha, depois de ser convencido que o partido era o responsável pela morte de *Elza*. Agildo Barata (1905-1968) e Gregório Bezerra (1900-1983) também delinearam um perfil negativo de *Miranda*, sem, contudo, apresentá-lo como um agente da repressão (BEZERRA, op. cit., p. 283-284; BARATA, op. cit., 230-232). Ao contrário, Leôncio Basbaum (1907-1969), destacou que, nos idos de 1940, o antigo secretário comunista, durante o curto tempo em que esteve numa prisão do Rio de Janeiro, egresso de Fernando de Noronha, declarou haver denunciado “todos de quem se lembrava” (BASBAUM, op. cit., p. 174). Finalmente, no corpo de um longo depoimento, Carlos Lacerda (1914-1977) assinalou que *Miranda* era “um homem humilde”, “um bom sujeito”, e alcançou a secretaria-geral graças ao “proletarismo” dos militantes comunistas, que desejavam “um sujeito vindo de baixo, não um intelectual” na condução do partido (LACERDA, op. cit., p. 37).

Por sua vez, Basbaum (1985, p. 75-76) delineou, com tintas fortíssimas, um perfil nada condescendente do “famigerado Américo [sic] Maciel Bonfim, aventureiro típico que, conforme se soube depois do levante de 27 de novembro de 1935, era agente da polícia”. O veterano ativista recordou que, no início de 1932, a direção do PCB recebeu uma estranha carta do Paraná, na qual um antigo componente da LAR declarava estar “oculto, fugindo de uma deportação para o Uruguai”, solicitando, ainda, ingresso nas fileiras comunistas. Os dirigentes, tendo em vista a herança prestista do requerente, não o aceitaram. Em novembro de 1932, após uma fuga do Presídio da Ilha Grande, empreendida na companhia de alguns militantes, o “aventureiro” estabeleceu relações com o comitê central do partido, ganhando a confiança dos dirigentes e um cargo de assessor. No ano seguinte, ingressou no comitê e, na Conferência Nacional, realizada em 1934, foi eleito secretário-geral, cumprindo a mais rápida e surpreendente carreira política. “Aí tornou-se conhecido como *Miranda* e, mais tarde, depois da fracassada quartelada de novembro de 1935, já preso, denunciaria a todos os membros do Comitê Central, inclusive a presença e os respectivos nomes e pseudônimos, de comunistas estrangeiros no país”. Conforme o autor, o general Pedro Aurélio de Góis Monteiro (1889-1956) lhe revelou que, em 1934, o governo federal já sabia da futura chegada de Luiz Carlos Prestes ao Brasil “e essa ciência lhe teria sido dada pelo próprio secretário do PCB, *Miranda*” (Ibid., p. 77).

Da mesma forma, Graciliano Ramos (1892-1953) elaborou uma descrição arrasadora do comunista baiano. Assim, as primeiras impressões marcaram profundamente o juízo do escritor acerca do caráter do singular dirigente: “A impressão que *Miranda* me deixou persistiu e acentuou-se no correr de dias: inconsistência, fatuidade, pimponice. Vivia a mexer-se, a falar demais, numa satisfação ruidosa, injustificável. Incrível haver ganho fama, inspirado confiança e admiração” (RAMOS, 1982, p. 283). Conforme o romancista, “*Miranda* sabia dizer tolices com terrível exuberância. Se lhe faltava a expressão, afirmava a torto e a direito, desprezando o contexto, vago e empavonado: – ‘Isto é muito importante’. Isso me incomodava. Pois aquele animal do interior, sertanejo baiano, estava assim vazio, não tinha nada para comunicar-nos além da importância cretina?” Para concluir, o autor de *Vidas Secas* (1938) insinuou que o secretário geral era um delator, pois revelara, em

alto e bom som, o codinome de uma militante. “As maneiras desagradáveis do homem, a desfaçatez, a exibição dos golpes infamantes, as arengas vazias e palavrosas, ligavam-se à coisa recente, convencia-me de que não nos achávamos diante de simples charlatão. Em quem deveríamos confiar? Felizmente aquele se revelava depressa” (Ibid., p. 285).

À desqualificação da figura de Antônio Maciel Bonfim somam-se as lacunas na sua biografia. As informações sistematizadas atinentes à trajetória intelectual e à formação política do “célebre *Miranda*” são por demais condensadas. A este respeito, Rodrigues (op. cit., p. 378), não obstante a realização de uma pesquisa complexa, abarrotada de dados biográficos referentes aos quadros mais expressivos do PCB, identificou o secretário-geral tão somente como “ex-sargento nascido no interior da Bahia”. Por sua vez, Vianna (op. cit., p. 71), citando as memórias de Leôncio Basbaum, destaca que *Miranda* se dizia “professor das primeiras letras no interior da Bahia”. A mesma autora, referenciada nas lembranças de Heitor Ferreira Lima (1905-1989), destacou que Bonfim, professor primário de uma escola da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, quando lhe convinha dizia-se “operário ferroviário” (Ibid., p. 146). Finalmente, o memorialista Salomão Barros (1899-1986), com o propósito de homenagear os “dedicados lutadores” que atuaram nos órgãos da imprensa alagoinhense, esboçou uma concisa nota biográfica da personagem: “Antonio Maciel do [sic] Bonfim – natural de Irará, BA. Professor de Cursos Secundários em várias Casas de Ensino de Alagoinhas. Foi redator do ‘Correio de Alagoinhas’. É falecido” (BARROS, 1979, p.297-298).

Não somente as informações relacionadas à existência, mas também aquelas que dizem respeito ao desaparecimento de Antônio Maciel Bonfim são escassas, confusas e desencontradas. Por exemplo, Lacerda (op. cit., p. 37, 50), assinalou que *Miranda* “acabou católico e secretário de um sindicato de fabricantes ou comerciantes de materiais de construção”. Segundo Moraes (op. cit., p. 209), o antigo dirigente, após ser anistiado, em 1945, caiu na mais completa obscuridade política, morrendo de tuberculose, em Alagoinhas. De maneira lapidar, Waack (op. cit., p. 346) limitou-se a registrar que, alquebrado e pobre, Antônio Maciel foi para o interior da Bahia, tornando-se muito religioso. Após dirigir por alguns meses um sindicato católico, morreu, no final da década de 1940, em Alagoinhas. Para tomar de empréstimo uma fórmula utilizada por Rodrigues (2009, p. 116), a ruína pessoal, a obscuridade política e o falecimento de Bonfim podem ser descritos nos seguintes termos: “Consta que o ‘viúvo’ de *Elza* não demorou a voltar para a Bahia, onde teria morrido cedo. Ninguém sabe dizer exatamente onde ou quando. É como se, em vez de morrer propriamente, *Miranda* tivesse virado um fantasma pouco a pouco”.

As lacunas biográficas e a necessidade de buscar novos indícios relacionados à trajetória de Antônio Maciel Bonfim, no período que antecedeu à sua transformação no célebre *Miranda*, impulsionaram os autores do presente trabalho às páginas dos jornais baianos do final dos anos 1920. Assim, uma sondagem preliminar logrou identificar duas notas, expostas no semanário *Correio de Alagoinhas* – ausentes das discussões historiográficas referentes ao secretário do PCB –, nas quais Bonfim se tornou objeto do noticiário no periódico interiorano. Portanto, na edição de 10 de setembro de 1929, o hebdomadário consignou: “Em visita á sua família, á noiva querida e amigos, esteve nesta cidade vindo logo trazer-nos o seu abraço, o joven Antonio Bomfim, ora na capital como auxiliar da firma Wilson, Sons & Company Ltd.”. E concluía: “O distinto visitante retornou pelo horario de hoje acompanhado dos nossos votos de felicidades” (CORREIO DE ALAGOINHAS, 10/09/1929, p. 1). Aqui, nada há de significativo para reportar. O futuro agente da revolução mundial orientava a sua trajetória de acordo com os padrões *normais* para um jovem interiorano, no contexto do período abordado: residia em Salvador, deslocava-se para Alagoinhas, visitava a família, entrevia um matrimônio, cultivava amizades e possuía emprego fixo.

Não obstante, a segunda aparição de Bonfim nas folhas do *Correio de Alagoinhas*, em 20 de setembro de 1930, foi bastante diversa da anterior. Assim, sob a manchete “Antonio Bomfim e o comunismo”, o articulista sublinhava que a cidade, desacostumada com acontecimentos fora do comum, estivera por horas impressionada com a notícia da prisão de um dos seus habitantes, como o chefe do bolchevismo na Bahia. Mais tarde, todos estavam cientes que “se tratava do educado moço com quem toda a cidade mantinha as mais estreitas relações”. Preso e incomunicável, o rapaz fora escoltado para Salvador, de onde chegaram jornais afirmando estar ao lado dos adeptos das ideias de Lênin, na companhia de vários operários, já encarcerados. Assinalando que toda Alagoinhas sentia, junto com a família de Bonfim, uma profunda tristeza, o jornalista asseverava: “Moço, cheio de vida, affeito ao trabalho, portador das qualidades que ornaram o seu caracter Antonio Bomfim não pode ser o comunista que os jornaes da capital pintaram”. Ademais, manifestava indignação frente às matérias veiculadas em *A Tarde* e no *Correio de Notícias*, “perversamente redigidas e miseravelmente adulteradas”. E negava as informações segundo as quais o mancebo fora preso em plena ação de propaganda junto ao proletariado alagoinhense: “Mentiu miseravelmente o informante. Bomfim, aqui não fez propaganda alguma. Aqui chegando nem aos velhos amigos procurou indo para um sitio distante da cidade onde reside a sua honrada familia e sob cujo tecto a policia o prendeu”. Prosseguindo, o jornalista reconhecia ser amigo de longa data do “infeliz moço”, que, inclusive, já havia escrito para o *Correio de Alagoinhas*. E concluía: “Passada a crise Bomfim espera vir abraçar os seus velhos paes e aos amigos na cidade que a esta hora estão sentindo com elle uma grande dor” (CORREIO DE ALAGOINHAS, 20/09/1930, p. 1).

De toda sorte, a leitura desta última matéria serviu como fio condutor para rastrear notícias conexas ao episódio Antônio Bonfim nas páginas da imprensa soteropolitana do período. Assim, em 16 de setembro de 1930, o *Diário de Notícias* estampava: “O Olho de Moscou! Foram effectuadas tres prisões nesta capital, estando incommunicaveis os acusados. O cabeça do movimento local era secretario do Centro Operario”. Ilustrada por uma fotografia, na qual apareciam dois pretensos subversivos, a reportagem argumentava que, conseguindo infiltrar investigadores entre os comunistas locais, a polícia baiana realizou as primeiras prisões. Na mesma linha de abordagem, o *Diário* informava que os agentes souberam da realização de um encontro comunista no logradouro de Maçaranduba, assistida por mais de cinqüenta pessoas. Ao mesmo tempo, os prepostos da lei seguiam os passos do chefe comunista na capital. Pressentindo que estava sendo observado, o “perigoso elemento” viajou para Alagoinhas, onde foi preso e conduzido para a capital. “É elle o individuo Antonio Maciel do Bomfim, secretario do Centro Operario”. Ainda de acordo com o jornal, conduzido à delegacia da segunda circunscrição, “Maciel declarou que era comunista, adeantando mais que mantinha correspondencia com Luiz Carlos Prestes, na Republica Argentina, e outros individuos, na Capital do Pais. Em seu poder a policia encontrou varios documentos comprometedores”. No encerramento da matéria, assegurava-se que foram efetuadas mais duas prisões: Manoel de *Tal* e João Pacifico, responsáveis pela propaganda das ideias comunistas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16/09/1930, p. 1).

As informações presentes em *A Tarde* acrescentaram mais detalhes ao *imbróglio* no qual se enredou o jovem Bonfim. Assim, a manchete verberava: “Abortou a ‘Liga de Acção Revolucionaria’. Um comunista preso em Alagoinhas em plena propaganda. Uma diligencia às Portas do Carmo”. O vespertino complementava a matéria com uma fotografia, na qual apareciam dispostos os três integrantes da LAR. A reportagem informava que, há cerca de um mês, a polícia havia sido avisada sobre a propaganda comunista em Salvador, realizada por elementos suspeitos, que incitavam os operários à revolução, através das palavras e de

boletins. “Alguns destes foram levados ao dr. Madureira de Pinho, secretario da Policia. No alto do seu cabeçalho lia-se, em letras gordas: ‘Contra os gananciosos’. E mais embaixo: ‘Liga de acção revolucionaria’. Estes boletins eram escriptos em linguagem incendiaria”. Logo, a polícia identificou um dos comunistas: Antônio Maciel Bonfim, antigo colaborador de *O Jornal*. Com o prosseguimento das investigações, apurou-se que o subversivo, ardoroso defensor das ideias de Carlos Luiz [sic] Prestes, recebia correspondencia deste, com a assinatura de Câmara de Barros. Conforme o jornal, Bonfim, cujo local de residência era incerto, promovia reuniões, em diferentes pontos da cidade, inclusive em Maçaranduba, espalhando a semente revolucionária. Em um dos encontros, foram eleitos o operário João Pacífico, como secretário-geral do comunismo na Bahia, e o propagandista, Manoel Ribeiro. Nesse ínterim, o agitador viajou para Alagoinhas, quando foi preso em plena atividade. “Antonio Maciel Bomfim procurou inocentar-se. A policia, porém, encontrou em seu poder uma carta denunciadora, na qual elle diria a um amigo que ia para Agua Fria, pois estava sendo vigiado, de perto, pela policia”. Simultaneamente, foram presos Manoel Ribeiro e João Pacífico, em poder dos quais os agentes da lei apreenderam boletins da Liga de Ação Revolucionária (A TARDE, 16/09/1930, p. 10).

No dia seguinte, o *Diário de Notícias* voltou à carga no tocante à prisão de Antônio Bonfim, Manoel Ribeiro e João Pacífico. A manchete principal mantinha a retórica anticomunista: “O Olho de Moscou visando o Brazil”. No tocante ao inquérito, o jornal destacava outro tópico da carta apreendida com Bonfim. Conforme a reportagem, o baiano estranhava o silêncio do chefe do comunismo, Luís Carlos Prestes, que não havia respondido às suas últimas missivas, inclusive aquela em que demandava uma subvenção. E o professor de Alagoinhas concluía: “– Caso não possa entrar em acção nesta capital, tomarei outro destino com as minhas idéas revolucionarias”. Bonfim negava certos trechos da epístola com evasivas, embora confirmasse o significado geral. A situação dos detidos tornava-se mais complicada, por conta de um “manifesto comunista”, apreendido pelos agentes da lei. Conforme as fontes policiais, o documento, dirigido aos operários, conclamava-os à luta contra o capitalismo, tomando as terras e as propriedades que estivessem edificadas. Sugería, ainda, assaltos a bancos, com a repartição dos capitais depositados. Aos militares, aconselhava a subversão, pegando em armas contra os seus superiores. Finalmente, um dado revelador: “Esse manifesto reconhece como exclusivo orientador do Communismo, no Brazil, o ‘Partido Comunista’” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17/09/1930, p. 1).

Por sua vez, ainda no dia 17 de setembro, *A Tarde* estampava: “O ‘complot’ comunista”. Conforme a reportagem, os policiais davam curso às investigações, ouvindo as testemunhas e os implicados. O mistério da vez era o envolvimento de outras personagens no *affaire* – a exemplo do tipógrafo Alfredo dos Santos, acusado pela impressão dos boletins revolucionários. Assim, os originais foram entregues ao gráfico por Bonfim, que chegou à oficina através de um caixeiro viajante, identificado como *Aristarco de tal*. Nervoso, Alfredo dos Santos depôs em estado de exaltação. Especulava-se que o caixeiro Aristarco denunciasse todos os implicados na conspiração. Portanto, a situação do “Comitê Executivo da Liga de Ação Revolucionária Contra os Mistificadores” era desconfortável: “Autoados, não negaram à autoridade o seu credo. Tinham de facto idéas communistas. Antonio Maciel afirma não ter feito larga propaganda e ser apenas um iniciado” (A TARDE, 17/09/1930, p. 10).

Com o transcorrer dos acontecimentos, a prisão dos comunistas foi perdendo destaque na imprensa soteropolitana. Assim, em 27 de setembro, o *Diário de Notícias* veiculou a soltura dos indiciados: “Devido a uma ordem de ‘habeas-corpus’, requerida pelo Sr. Cosme de Farias, ao juiz dr. Paulo Fontes, foram postos, hontem, em liberdade João Pacifico de

Souza, Antonio Maciel e Manoel do Bonfim [sic], que, há dias, estavam presos na delegacia da 2ª. circunscrição policial, por serem acusados como adeptos das nocivas idéas communistas.” Contudo, o periódico não desperdiçou a oportunidade de enviar um recado nada sutil aos perigosos ativistas: “Cuidem, agora, de outra vida!” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/09/1930, p. 1).

Bem, um dos membros da Liga de Ação Revolucionária não desejou trilhar o curso apontado pelo sensato jornalista: Antônio Maciel Bonfim. Em menos de quatro anos, o educado moço de Alagoinhas metamorfoseou-se no agente da revolução mundial alcunhado *Miranda*. Como se argumentou ao longo do trabalho, esta imagem tornou célebre e fez cair em desgraça o militante baiano. Por conta de um dos muitos *silêncios* da historiografia, inexistiu uma investigação histórica específica acerca da formação política e da trajetória intelectual do dirigente – não obstante o seu papel crucial à frente do PCB. Portanto, identificar e deslindar novos indícios relacionados à biografia da personagem traria aportes significativos para os estudos históricos contemporâneos, especialmente no que concerne à formação dos quadros comunistas na década de 1930. A este respeito, sublinhe-se que, na fase inicial da pesquisa, constataram-se dados pouco conhecidos sobre a trajetória de Bonfim, dispostos em matérias de jornais. Assim, comprovou-se a sua participação na imprensa baiana, evidenciou-se a movimentação da LAR na Bahia e, finalmente, identificou-se a mais antiga referência ao militante nos periódicos consultados, datada do ano de 1929 (MOREIRA, in: SILVA, 2010, p. 31-46). Nas próximas etapas, almeja-se investigar as pistas já evidenciadas.

Para concluir, evidencie-se que a análise da trajetória de Antônio Maciel Bonfim ratifica a vitalidade e a necessidade das investigações agregadas sob a rubrica “História Regional e Local”. Em suma, pode-se argumentar que uma pesquisa consistente acerca das aventuras e das desventuras de *Miranda* nas cosmopolitas Rio de Janeiro e Moscou demanda esquadrihar as experiências de Bonfim na ignota Alagoinhas e na provinciana Salvador do início do século XX.

REFERÊNCIAS

- BARATA, Agildo. **Vida de um revolucionário**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- BARROS, Salomão. **Vultos e feitos do município de Alagoinhas**. Salvador: Artes Gráficas, 1979.
- BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos: memórias**. São Paulo: Alfa - Omega, 1976.
- _____. **História sincera da República: de 1930 a 1960**. São Paulo: Alfa - Omega, 1985.
- BEZERRA, Gregório. **Memórias** (primeira parte: 1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920-1964**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRANDÃO, Otávio. **Combates e batalhas: memórias**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- CARONE, Edgar. **A Segunda República (1930-1937)**. São Paulo: DIFEL, 1978.
- _____. **A República Nova (1930-1937)**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- _____. **O PCB, 1922-1943**. V. 1. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. **O PCB, 1943-1964**. V. 2. São Paulo: Difel, 1982.

CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi:** da Coluna Prestes à queda de Arraes (memórias). São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

CHILCOTE, Ronald. **Partido Comunista Brasileiro:** conflito e integração (1922-1974). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). **História do marxismo no Brasil.** Volume 5: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **O comunismo no Brasil, 1935-1945:** repressão em meio ao cataclismo mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci** (20 anos de clandestinidade). Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000.

GOMES, Angela de Castro (Coord.); FLAKSMAN, Dora Rocha; STOTZ, Eduardo. **Velhos militantes.** Depoimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACERDA, Carlos. **Depoimento.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos percorridos:** memórias de militância. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. **Prestes:** lutas e autocríticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

MORAIS, Fernando. **Olga.** São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. No rastro de Miranda: uma investigação histórica sobre a trajetória de Antônio Maciel Bonfim. In: SILVA, Paulo Santos (Org.). **Desarquivamento e narrativas:** História, Literatura e Memória. Salvador: Quarteto, 2010. p. 31-46.

OLIVEIRA FILHO, Moacyr. **Praxedes, um operário no poder.** São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e companheiros:** história e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão:** A revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora:** os caminhos da luta antifascista no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. *Da insurreição armada (1935) à "União Nacional" (1938-1945):* a virada tática na política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere** (volume 1). Rio de Janeiro: Record, 1982.

REIS, Dinarco. **A luta de classes no Brasil e o PCB.** São Paulo: Novos Rumos, 1987.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano** (3º. Volume: Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: DIFEL, 1993.

RODRIGUES, Sérgio. **Elza, a garota:** a história da jovem comunista que o Partido matou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SEGATTO, José Antonio. **Reforma e Revolução:** as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia:* os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O tempo do nacional-estatismo** – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 63-105. (O Brasil Republicano, livro 2).

VINHAS, Moisés. **O Partidão**. A luta por um partido de massas: 1922-1974. São Paulo: HUCITEC, 1982.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922-1929)**: na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, 1985. p. 15-30.

WAACK, William. **Camaradas**: nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). Fundo: Polícias Políticas (POL. POL.). Série: Comunismo. Prontuário GB 1890. Polícia Civil do Distrito Federal - DESPS - Antonio Maciel Bonfim ou Adalberto de Andrade Fernandes ou Américo de Carvalho vulgo Miranda.

FONTES JORNALÍSTICAS

ABORTOU a “Liga de Ação Revolucionaria”. **A Tarde**, Salvador, 16 set. 1930, p. 10. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Acervo: Jornais.

ANTONIO Bonfim e o comunismo. **Correio de Alagoinhas**, Alagoinhas, 20 set. 1930, p. 1. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Setor: Periódicos Raros. Acervo: Jornais.

CUIDEM, agora, de outra vida! **Diário de Notícias**, Salvador, 27 set. 1930, p. 1. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Setor: Periódicos Raros. Acervo: Jornais.

HOSPEDES e viajantes. **Correio de Alagoinhas**, Alagoinhas, 10 set. 1929, p. 1. Centro de Documentação e Memória de Alagoinhas (CENDOMA). Acervo: Jornais.

O “COMLOT” comunista. **A Tarde**, Salvador, 17 set. 1930, p. 10. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Acervo: Jornais.

O OLHO de Moscou! **Diário de Notícias**, Salvador, 16 set. 1930, p. 1. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Setor: Periódicos Raros. Acervo: Jornais.

O OLHO de Moscou visando o Brasil. **Diário de Notícias**, Salvador, 17 set. 1930, p. 1. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Setor: Periódicos Raros. Acervo: Jornais.